Amor em Tempo de Clivagem

Ângela Ribeiro

Resumo

Este trabalho foi apresentado no Congresso com esta designação. Visa enfatizar a importância do Amor para tratar a cisão e a clivagem inter-pares, fatores tão presentes no mundo atual. Faz uma pequena revisão bibliográfica desde Freud que enfatizava a teoria da pulsão com a introdução do conceito de libido como manifestação de Amor até autores como Ferenczi, Fairbairn e Winnicott que priorizam o Amor, a ternura, a empatia para tratar a clivagem e a angústia primária.

Palavras-chave: Grupanálise, Amor, Clivagem, Civilização atual

Abstract

This paper was presented at the congress bearing this title. It aims to emphasize the importance of Love in addressing the schism and splitting occurring between peers—factors so prevalent in today's world. It provides a brief literature review, tracing the evolution from Freud—who emphasized drive theory and introduced the concept of libido as a manifestation of Love—to authors such as Ferenczi, Fairbairn, and Winnicott, who prioritize Love, tenderness, and empathy in addressing splitting and primary anxiety.

Keywords: Group Analysis, Love, Splitting, Contemporary Civilization

Vivemos num tempo de fragmentação.

Tanto no espaço íntimo como no social, multiplicam-se sinais de cisão, isolamento e polarização.

A tecnologia aproxima-nos e separa-nos: estamos ligados por ecrãs, mas muitas vezes desligados de nós e do outro.

A informação é constante, abundante, incisiva.

Recebemos notícias de vida e de morte, de guerra e de fome, repetidas ao longo do dia.

---

[1] Médica psiquiatra, Grupanalista, Membro Titular Didacta da Sociedade Portuguesa de Grupanálise e Psicoterapia Analítica de Grupo.

Artigo adaptado a partir da sua comunicação oral apresentada no XXIV Congresso Nacional da Sociedade Portuguesa de Grupanálise e Psicoterapia Analítica de Grupo, Lisboa, 7-8 novembro de 2025.

A realidade invade-nos sem mediação: tudo chega filtrado, exagerado, acelerado, mas em tempo para ser sentido ou pensado.

E, simultaneamente, nas redes sociais e no entretenimento, vemos um mundo perfeito: vidas radiantes, corpos sem falhas, viagens intermináveis, felicidade permanente.

As referências do mundo tornaram-se elas próprias clivadas: uma parte é dor crua; outra, brilho artificial.

Entre estas duas imagens extremas, o ser humano perde-se. Interroga-se. Cansa-se. Desanima.

O laço humano — antes sustentado pela presença, pelo olhar e pela palavra — parece ameaçado por uma crescente incapacidade de escuta, de atenção e de reconhecimento mútuo.

Há uma ferida na civilização atual: uma ferida de separação, de descontinuidade, de desencontro.

E sabemos já: onde o vínculo falta, o desespero cresce.

É inquietante o aumento de suicídios entre jovens e idosos nos centros urbanos.

Por detrás de cada número, há um pedido silencioso: *Vejam-me. Ouçam-me. Não me deixem só.*

O ser humano precisa de estabilidade para viver.

Precisa de esperança para continuar.

Precisa de vínculos coesos para amar e ser amado.

O nosso tempo exige, mais do que nunca, um retorno ao essencial: **o interesse verdadeiro, a presença, o afeto, a entrega.**

Só assim se constrói o espaço onde a vida se torna habitável e o amor possível.

Por isso, talvez hoje seja mais urgente do que nunca acreditar no sonho que John Lennon cantou:

“Imagine all the people living life in peace.”

Na linguagem psicanalítica, poderíamos dizer que atravessamos **tempos de clivagem**: tempos em que o Eu, o grupo e o coletivo se defendem da angústia pela divisão, pela negação da dor e pela expulsão do diferente. A clivagem protege, mas também empobrece; é um gesto de sobrevivência que, quando se cristaliza, impede o pensamento e destrói a continuidade do ser. Que lugar pode o amor ocupar, hoje, num mundo dividido?

É precisamente nesse cenário que o **Amor** se impõe como tema e como desafio. O amor — enquanto força libidinal, vínculo simbólico e gesto ético — representa a capacidade de **ligar o que foi separado**, de **reconhecer o outro sem o anular**, de **reparar a ruptura entre o dentro e o fora, o Eu e o Nós**.

Mais do que um afeto, o amor é, na perspetiva psicanalítica e grupanalítica, **uma função de ligação**, uma experiência de integração e de esperança.

A psicanálise lembra-nos que onde há clivagem, pode haver também desejo de ligação. O amor, nas suas múltiplas formas — erótica, parental, transferencial, fraterna — é a experiência que restaura a continuidade do ser, que permite pensar o outro e suportar a diferença.

Vários autores psicanalíticos abordaram o tema de forma diferente.

Comecemos pelo pioneiro, Freud. Este, na sua teoria da pulsão, introduziu o conceito de libido, uma energia vital que impulsiona os nossos instintos de vida e sexualidade. Para ele o amor é uma manifestação dessa libido, direcionando-nos a formar laços afetivos e comunitários. Na sua obra "Mal-Estar na Civilização", publicada em 1930.

Freud destaca que o amor e o impulso de Eros são fundamentais para a preservação da humanidade, pois promovem a união entre os indivíduos e a construção de comunidades baseadas no respeito e na cooperação.

Em tempos de clivagem, Thanatos pode manifestar-se através de comportamentos agressivos e divergentes. No entanto, o amor, como expressão de Eros, tem o potencial de contrabalançar essas tendências destrutivas, promovendo a empatia, a compreensão e a solidariedade.

Winnicott, embora não negando a teoria da pulsão, relega-a para um segundo plano.

Fala-nos da relação de objeto mãe/filho primeiro vivida como uma relação de omnipotência embora ilusória, mas à medida que a criança se expressa através de gestos e sinais, concebe a “falha da adaptação gradual da Mãe”, essencial para o desenvolvimento da separação, diferenciação e realização. Assim a criança, futuro adulto, adquire a capacidade de sustentar a ambivalência, de tolerar a frustração sem recorrer à clivagem. Para Winnicott o amadurecimento emocional passa pelo reconhecimento da alteridade: o outro não é um mero prolongamento do self, mas um sujeito com desejos e falhas próprias. Quando essa dimensão é recusada, ficamos presos a um amor persecutório, onde o menor sinal de frustração acciona angústias primitivas, levando à fragmentação do vínculo.

Sándor Ferenczi, na sua correspondência com Freud, trouxe uma das inovações mais significativas para o tratamento, o conceito de 'encontro' analítico, que enfatiza a experiência relacional no processo de cura. Na sua prática clínica, ele não temia utilizar a vulnerabilidade emocional como um recurso terapêutico, ao invés de muitos de seus colegas que mantinham uma abordagem mais distante. Ele sustentava que, ao se permitir transparência e humanidade na relação terapêutica, se poderia ajudar os pacientes a se sentirem menos isolados nas suas experiências psicóticas. A técnica de Ferenczi incluía também a utilização de intervenção, que envolvia estar presente e envolvido de maneira ativa durante as sessões, proporcionando uma forte base para a transferência e exploração de sentimentos. Ele enfatizou a importância do amor e da ternura nas relações humanas, destacando que esses elementos vão além também da mera sexualidade. Para Ferenczi, o amor abrange empatia, simpatia e processos interpessoais

positivos, fundamentais tanto na prática analítica quanto na vida social em geral. Ele acreditava que o amor, ou "amor primário", é o fermento necessário que impulsiona o processo terapêutico, permitindo a exploração e superação de frustrações e conflitos e que permite ao sujeito sentir-se vivo.

Para Ferenczi, a cura surge quando o paciente encontra, na relação analítica, um amor que não invade nem abandona — uma experiência emocional corretiva, onde pode finalmente confiar.

Em Ferenczi, a clivagem é o resultado de um amor traído — e o amor, quando vivido em segurança, é o único capaz de desfazer a clivagem.

O sujeito divide-se para preservar o vínculo, e reencontra-se quando o amor volta a ser possível.

Fairbairn é um dos pioneiros da escola das relações de objeto, e é um autor central para pensar a clivagem e o amor dentro da psicanálise contemporânea, especialmente pela forma como ele desloca o foco do princípio da pulsão para o princípio da relação. Ao contrário de Freud, que via o indivíduo motivado por pulsões (de prazer e descarga), Fairbairn propôs que o bébé nasce em busca de relação, não de prazer.

Ou seja, não é a atitude libidinal que determina a relação de objeto, é a relação de objeto que determina a atitude libidinal.

O amor, portanto, para ele, não é um derivado da sexualidade, mas uma necessidade primária de ligação — uma força estruturante da mente. O amor é a matriz da organização psíquica, e a perda ou distorção dessa relação primária é a origem do sofrimento. Em Fairbairn, o amor — enquanto relação com o objeto — é fundamental, o indivíduo não busca prazer, mas busca o objeto, isto é, a ligação com outro ser humano. A cura é o processo de integração dos objetos clivados, permitindo amar e odiar o mesmo objeto sem se fragmentar.

Tanto Winnicott como Sándor Ferenczi e Ronald Fairbairn romperam com a visão clássica freudiana do aparelho psíquico centrado na pulsão e no princípio do prazer. Colocam o vínculo amoroso — e não a descarga pulsional — no centro da vida psíquica. O homem não deseja apenas prazer, deseja pertencer.

O amor torna-se, assim, condição de existência, e a clivagem, resposta à sua falha.

Em todos eles o amor terapêutico (não no sentido erótico, mas ético e empático) é o agente de cura. Ele devolve ao sujeito a experiência de continuidade; permite reunir as partes divididas do self e restabelece a confiança na relação humana.

Assim a Psicanálise e a Grupanálise podem oferecer-nos ferramentas valiosas para entender o papel do amor em contextos de divisão ao reconhecer nele uma força vital que pode contrapor-se às tendências destrutivas. Em tempos de clivagem, o amor não é apenas um sentimento, mas um ato consciente de resistência e transformação.

E a Grupanálise proporcionando vínculos, vários tipos de vínculos terá um papel determinante na cura pelo Amor. No campo grupanalítico, este amor ganha uma dimensão coletiva: é a

capacidade de pensar em conjunto, de suportar o mal-estar e transformar a cisão em diálogo.

Referências Bibliográficas

Fairbairn, W. R. D. (1980). Estudos psicanalíticos da personalidade. Rio de Janeiro: Imago. (Original: Psychoanalytic Studies of the Personality, 1952)

Fairbairn, W. R. D. (1954). An Object-Relations Theory of the Personality. New York: Basic Books. (em algumas edições aparece como coletânea ampliada de seus artigos)

Ferenczi, S. (1992, 2011). Obras completas: Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes. 4 v.

Ferenczi, S. (1990). Diário clínico. São Paulo: Martins Fontes.

Ferenczi, S. (2011). Contribuições à teoria e técnica da psicanálise. São Paulo: Martins Fontes.

Freud, S. F. & Ferenczi, S. (1996). Correspondência completa (1908–1933). Rio de Janeiro: Imago, 1994–2000. 3 v.

Freud, S. (1996). O mal-estar na civilização, Rio de Janeiro; Imago editora.

Winnicott, D. W. (1983). O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre: Artmed.

Winnicott, D. W. (2000). Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago.

Winnicott, D. W. (2005). O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975. Winnicott, D. W. Holding e interpretação. São Paulo: Martins Fontes.